



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

TERCEIRA IDADE NO NOVO MILÊNIO

Marcos Roberto Inhauser

Meu sogro tem noventa e quatro anos de idade e mora comigo. Por várias vezes ele veio até mim perguntando se paguei a conta da TV a cabo porque ela estava fora do ar. Todas as vezes em que isto aconteceu ele havia mudado o canal de sintonia da televisão. Por mais que explique, que mostre e que ensine, é difícil para ele entender como lidar com dois controles remotos e a lógica entre o receptor da TV a cabo e o televisor.

O problema não é só este. Para ele entender que, quando quer ligar para a filha que mora fora, ele precisa colocar o código da operadora antes do DDD, foi outra novela. Explicar que os carros não têm mais carburador, platinado e distribuidor, que não preciso ir ao banco para pagar contas, que consigo falar e ver minha filha do outro lado do mundo quando falo com ela via internet, são outros mistérios que são difíceis para ele desvendar.

Por outro lado, quando penso que ele viveu parte da sua vida sem ter energia elétrica, que estudou à luz de lamparina, que só teve um telefone quando tinha seus cinquenta anos de idade, que seu primeiro carro foi um Fordinho 29, que seu último carro foi um Fuscão, querer que entenda tudo o que está acontecendo é exigir demais.

Isto me leva a pensar que há um sofrimento a mais ao ficar velho: o sentimento de desatualização e inutilidade diante da parafernália tecnológica. Tenho pouco mais da metade da idade dele e sinto que a velocidade das mudanças está tão acelerada que estou ficando para trás. Peguei estes dias uma revista de comércio eletrônico e pensei que estava lendo grego, dada à quantidade de siglas e termos desconhecidos. Passei para uma de computadores e a inadequação foi ainda maior. Paro de citar exemplos para não dar uma declaração pública de inutilidade tecnológica.

Com todas estas mudanças e novidades, onde o novo se torna velho em pouco tempo, chama-me a atenção que haja tanta gente se apegando ao conservadorismo e ao fundamentalismo, especialmente o religioso. Seria o repetir frases e jargões de antanho uma forma de se sentir mais seguro? Seria uma reação às mudanças? Seria uma declaração de inadequação diante da novidade? Porque os gurus que guiam ao passado têm tido tantos seguidores? Por que os púlpitos, via de regra, são a repetição da mesmice? Qual a sabedoria que há em querer reviver modelos e experiências de outras épocas, mesmo porque tal tentativa é impossível, porque as condições são outras?

Não é mais sábio enfrentar a novidade e tirar dela o que de bom têm?